

Dossiê:

**A morte, os mortos e o morrer:
teorias de ritual.**

Apresentação: A morte e as teorias de ritual, um campo em constante renovação.

Andreia Vicente da Silva¹

O uso da teoria de ritual em suas mais diversas abordagens para a análise dos processos associados à morte é considerado um instrumental clássico nas ciências humanas e sociais, notadamente na antropologia. Autores clássicos como Robert Hertz (1905), Arnold Van Gennep (1977) e Marcel Mauss (1926), debruçaram-se para pensar de que formas as diferentes coletividades organizavam o momento da finitude. A falência biológica sempre foi envolta num complexo trabalho de restituição por meio de padrões de comportamento denominados rituais. Paul Rappaport (1999, p. 24) define ritual como “o desempenho de sequências mais ou menos invariantes de atos formais e enunciados não inteiramente codificados por atores”.

Contudo, já há alguns anos, a utilização da categoria rito apenas em sua definição mais clássica tem sido questionada, principalmente a partir do reconhecimento das transformações nas dinâmicas contemporâneas, que reduziram os espaços de atuação da estrutura, da coerção e da regra a círculos e grupos específicos. Em artigo bibliográfico recente (Vicente da Silva, 2017), debati de maneira detida como o uso da categoria ritual em seu modelo clássico teve efeitos importantes na produção francesa a respeito da morte em meados do século XX. Ao considerar a acepção da morte tradicional como pacífica e ritualizada, autores renomados como Philippe Áries e Michel Vovelle, por exemplo, acabaram por pensar que os ritos de morte estavam desaparecendo numa contemporaneidade na qual o fenômeno da finitude era analisado como interdito.

Posteriormente, perspectivas menos formais e mais flexíveis ganharam proeminência, e os analistas passaram a se concentrar em aspectos múltiplos dos rituais. Por exemplo, Catherine Bell (1992) propôs o termo “ritualização” em seu já clássico livro “Ritual theory, ritual practice”. A autora argumenta que a sugestão de um novo conjunto de categorias para analisar atividades significativas era imprescindível já que os conceitos existentes impunham aos estudiosos uma série de dificuldades de aplicação. Temáticas como as da laicização, da secularização e do individualismo, dentre outras, foram compreendidas como obstáculos para o uso de uma categoria que anteriormente se aproximava da arena do social, do formal, do religioso e do sagrado. As recentes pesquisas têm evidenciado que a existência desses mesmos elementos – antes vistos como impeditivos dos ritos – incentivou a criação de novas formas de observação do fenômeno que colocam em voga temáticas como relacionalismo, interatividade, reflexividade e reposicionamento (Segalen, 2002).

A nossa convocação para apresentação de artigos que reflitam a respeito de um possível aprofundamento e revisão dessa arena analítica já consagrada, foi respondida por alguns pesquisadores que abordam possibilidades de uso de teorias de ritual: rituais informais, individuais, coletivos, em presença, públicos e privados. A partir deste ponto de partida, selecionamos trabalhos nos quais as vivências da morte, do enterro e/ou do luto foram debatidas

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Pesquisadora de Antropologia da morte e da religião.

como experiências rituais. Assim, pensando novas possibilidades de instrumentalização da categoria na contemporaneidade, não a tomamos numa perspectiva rigidamente dogmática. A estratégia deste dossiê foi pensar o ritual a partir de relações de sentido e apropriações do que pode ser considerado como expressando arenas de significação da vivência da morte na contemporaneidade e de como as novas fronteiras trans e interdisciplinares também afetam o estudo e o enfrentamento do fenômeno mais irremediável de todos: o desaparecimento do corpo e a ausência do ser.

Se o nosso objetivo inicial foi o de encontrar lugares de criatividade e de inovação em um campo já consagrado, nos sentimos felizes em disponibilizar ao público mais um número da revista “Tempo da ciência” que cumpre os seus objetivos. Como o leitor poderá conferir ao longo destas páginas, temos cinco artigos com abordagens muito diversas a respeito da morte. Um dos pontos que gostaria de ressaltar nesta introdução é que os artigos dialogam na direção de permitir pensar como as ciências humanas têm se desenvolvido, respondendo às demandas propostas pela virada pós-estruturalista num momento de questionamento da separação positivista e irrestrita dos saberes. As fronteiras entre a biologia, a medicina, a antropologia e a história são exploradas nos artigos que nos fazem entender que a arena ritual precisa ser compreendida também a partir de uma perspectiva laica, técnica, racional e informal – o que rompe aquele paradigma clássico já enunciado anteriormente.

Os trabalhos que compõem o dossiê “Antropologia da morte” visitam desde questões conceituais a respeito dos modos de produção da subjetividade atuais até questões relativas aos campos tradicionais, como as heranças familiares e também os monumentos em cemitérios. Cada um dos textos aborda a questão da morte de maneira original buscando encontrar, num objeto de pesquisa tão clássico, certos lugares de criatividade e de inovação que façam avançar as discussões. O que é morrer? Quais são os dilemas daqueles que estão prestes a morrer? Como é vivido o luto dos que ficam? Como representamos a morte e como organizamos o espaço do cemitério? Como vivemos o luto?

Os debates antropológicos mais clássicos davam conta dos estudos da finitude sendo vivida como momento sagrado, separado, formal, que deveria ser regido a partir de regras e sistemas rígidos – principalmente religiosos – que tornavam possível a criação de consensos sociais. Diante de uma experiência de mundo cada vez mais subjetivada, vivemos e sentimos a finitude a partir de influências muito variadas de pensamento e organizamos nossa realidade a partir de referências ecléticas e fugidias. Esta é a principal riqueza que o dossiê sobre rituais de morte pode trazer à reflexão.

O primeiro artigo que compõe o dossiê é intitulado “Visibilização contemporânea do processo de morrer: novos rituais e sensibilidades” e foi escrito por Rachel Aisengart Menezes e Renata de Moraes Machado. Neste artigo, as autoras debatem o direito de decidir morrer a partir da prática do suicídio assistido para doentes terminais em hospitais. Em última instância, o que interessa às autoras é o debate a respeito das novas sensibilidades no mundo contemporâneo no qual a ideia do morrer com dignidade entra na pauta de discussão. O significado do termo “vida” aqui é problematizado a partir da perspectiva daquele que vive e do seu direito de escolher e decidir. Assim, o momento da morte é pensado para além apenas

de um determinismo biológico – quando o corpo por si só para de funcionar – ou mesmo de uma vontade sobrenatural – quando Deus é que decide –, mas é pensado a partir dos limites que o próprio sujeito percebe para o que ele mesmo considera como vida a ser vivida ou a ser interrompida.

A fronteira entre o que é vida e o que é morte também é debatida no artigo escrito por Arlindo Neto, cujo título é “Morrer para viver: esboço de uma análise antropológica sobre narrativas de experiências de quase morte”. No texto, Arlindo Neto debate as experiências de quase morte a partir de relatos daqueles que passaram pela fronteira biológica e médica do que é considerado deixar de viver. No entanto, como o autor procura mostrar, intrincadas relações estão em jogo quando conceituamos o que é morte na atualidade, principalmente no ambiente hospitalar, cada vez mais científico e tecnológico, no qual não só há um controle da vida por meio das drogas, como também com o auxílio de aparelhos e intervenções que prolongam, modificam, interferem nas clássicas fronteiras biológicas da vida e da morte. Incontestável perceber que, como toda experiência ritual, a experiência de quase morte (EQM) é um momento marcante e transformador que produz novos sujeitos modificados pela passagem entre mundos ou modificados pela experiência ritual.

Os debates realizados aqui a respeito dos rituais de morte não estão considerando perspectivas representacionais ou mesmo de regramentos coletivos. O que se questiona são casos individuais em que certos aspectos culturais modificam a tônica da experiência com a vida e com a morte. O espaço dos hospitais é especialmente importante para pensar estes dilemas já que neles o avanço da técnica e da especialização providenciam elementos fortes para repensar as fronteiras entre os saberes tradicionais e as novas experiências e tecnologias. Num ambiente científico, laico e medicalizado, como o sujeito pode exercer seu direito de escolha ou pode expressar sua experiência com o morrer? Quais são os limites para que as tradições religiosas, morais e públicas sejam revistas a partir da perspectiva do individualismo?

No terceiro artigo do dossiê, deixamos o debate hospitalar a respeito da morte e entramos no campo do luto pensando expressões rituais contemporâneas inovadoras, como é o caso das joias de família. Aline Rochedo, em “Fazer das cinzas diamantes: a busca pela eternidade através de joias de família”, retoma uma tradição da área do luto que é a transmissão dos objetos dos mortos. Como se sabe, objetos que pertenceram a antepassados e que são retransmitidos como herança coletiva, tornam-se expressão, uma espécie de elo entre integrantes dos grupos de parentesco. No debate mais contemporâneo, inclusive, fala-se de objetos pessoais para se referir àqueles objetos identificados com seu proprietário e que carregam a sua essência. No entanto, como a autora procura debater, o caso dos diamantes feitos das cinzas resultantes da cremação dos corpos dos mortos é inovador, já que nos permite pensar como o próprio corpo (as cinzas) transformado em um objeto (uma joia) passa a ser uma relíquia.

No artigo de Aline Rochedo, as fronteiras entre suportes tornam-se estreitíssimas se pensadas da perspectiva daquele que quer recordar e ampliar a convivência. Neste texto, há que se sublinhar também que a arte de fazer das cinzas diamantes é uma experiência de classe marcada por vultosos recursos financeiros e por uma perspectiva mais laica da vivência da morte que envolve, entre outras coisas, pensar a eternidade através da memória, ou da transmissão

e manutenção de um legado. As joias tornam-se heranças de valor – nos vários sentidos do termo – a serem retransmitidas indefinidamente.

O quarto artigo do dossiê foi escrito por Ana Maria Rodrigues Franqueira e se intitula “Entre o público e o privado: rituais no processo de luto”. No artigo, a autora acompanha um grupo de pais que tiveram seus filhos mortos em acidentes de trânsito. Como Ana Franqueira argumenta, as formas tradicionais de expressividade do luto, como as idas a cemitérios, por exemplo, encontram fraca adesão entre esses pais. Por outro lado, o material empírico demonstra a criação de novos espaços para os rituais, como os altares espontâneos – nos quais se constrói um memorial para o filho no local da sua morte – ou mesmo a preservação de objetos e fotografias no quarto ou na casa, os quais procuram manter a sua presença de forma perene. No material de campo da autora, evidencia-se certa desinstitucionalização do luto e a criação de espaços de memória individuais e específicos que podem tanto estar no espaço público quanto no espaço privado, dependendo da disposição e da significação que o evento e sua restauração têm para esses parentes.

O último artigo do dossiê foi escrito por Viviane Comunale, a qual procura resgatar a trajetória d’“Os monumentos funerários de Alfredo Oliani” demonstrando como a arte funerária está inserida no contexto ritual e como cada aspecto das necrópoles diz respeito a um pensar coletivo a respeito da passagem entre a vida e a morte. Ao ler este artigo lindamente ilustrado com fotografias das obras do artista ítalo-brasileiro, é preciso ter em mente as transformações nas visões da morte na contemporaneidade que nos permitem ver os cemitérios não apenas como locais de depósito do corpo dos mortos, mas também como espaços de arte e criatividade e associar as homenagens a uma perspectiva do belo, do eterno, do valorizado. Atualmente, o desenvolvimento dos cemitérios parques, com seu padrão de linearidade e paisagem livre, modificou a composição das necrópoles e relegou este tipo de arte ao domínio do clássico, do tradicional.

A fotografia que ilustra a capa da revista em que se encontra este dossiê foi retirada por mim no dia dos mortos do ano de 2017, no Cemitério Municipal Cristo Rei, na cidade de Toledo, no Oeste do Paraná. A escolha da fotografia para a capa visa demonstrar que os ritos de morte estão se modificando mas que a sua realização não está desaparecendo. Como a própria experiência irremediável da morte como fenômeno de ruptura poderoso exige, a ritualização da morte segue ocorrendo. As flores depositadas nos túmulos, as orações individuais, os altares coloridos e os terços, cartas, velas e objetos depositados no cemitério são apenas pequenos exemplos da sobrevivência dos ritos de morte num cenário de extrema criatividade e inovação.

Enfim, cada um dos artigos que compõem o dossiê nos dão a noção das novas possibilidades para pensar o campo dos estudos dos ritos de morte contemporâneos. No entanto, como cada um dos textos esclarece, é necessário abrir novas frentes teóricas questionando antigos espaços metodológicos e compreendendo que a dinâmica ritual pode ter configurações muito específicas que, atualmente, que nos levam a refletir sobre a capacidade humana para homenagear, lembrar, viver, morrer e mesmo reviver.

Referências Bibliográficas:

BELL, Catherine. *Ritual Theory, ritual practice*. New York Oxford: Oxford University Press, 1992.

HERTZ, Robert. *Contribution a une étude sur la représentation collective de la mort*. L'Année sociologique. Paris: Presses Universitaires de France, 1907.

MAUSS, Marcel. *Effet physique chez l'individu de l'idée de mort suggéré par la collectivité*. Australie, Nouvelle-Zélande. Paris: Journal de Psychologie Normale et Pathologique, 1926.

RAPPAPORT, Roy A. *Ritual and Religion in the making of Humanity*. New York: Cambridge University Press, 1999.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis: Vozes, 1977.

VICENTE DA SILVA, Andreia. *Tradicional e pacífico, contemporâneo e interdito: o discurso francês dos ritos de morte*. Avá. Revista de Antropologia, n. 30, 2017. P.p. 15 - 36.